

## O ASCETISMO COMO MÉTODO DO ESPÍRITO LIVRE EM NIETZSCHE

DANIEL DE ALVARENGA BERBARE<sup>1</sup>; CLADEMIR ARALDI (Orientador)<sup>2</sup>

### 1. INTRODUÇÃO

A interrogação acerca do valor e do sentido que governam as ações humanas constitui uma das mais antigas e complexas tarefas do pensamento filosófico. Historicamente, a tradição ocidental dedicou-se a articular princípios orientadores para a conduta, diretrizes que pudessem assegurar não apenas a convivência harmônica em sociedade, mas também oferecer um propósito para a existência individual. Este trabalho, inserido na área de Filosofia, com ênfase na Fundamentação e Crítica da Moral, deriva da tese de doutoramento a ser defendida em setembro pelo autor e retoma essa busca milenar, não para propor uma nova resposta, mas para questionar os próprios termos em que o problema foi tradicionalmente colocado. Partimos da perspectiva nietzschiana que questiona de forma contundente a história da filosofia moral, em sua vasta trajetória, ocupou-se em fundamentar os valores morais, tratando-os como "dados", sem jamais ousar perguntar pela sua origem e, mais radicalmente, o valor dos valores. (NIETZSCHE, 2005).

A problematização central que move este estudo emerge de uma aparente contradição no pensamento nietzschiano. Se, por um lado, Nietzsche é o crítico implacável do "ideal ascético", denunciado na *Genealogia da Moral* como sintoma de uma vida decadente e negadora (NIETZSCHE, 2009), por outro, sua obra delineia uma tipologia superior de homem, o espírito livre, cuja formação, para nós, depende de uma rigorosa disciplina ascética (nossa tese). Diante disso, a questão que especifica nossa investigação é: como se constitui um espírito livre? Seria a liberdade do espírito um mero ato de inteligência ou ela demanda um método, uma prática formativa? A nossa hipótese é que Nietzsche ressignifica o ascetismo, deslocando-o da negação da vida (ascese) para uma prática afirmativa de fortalecimento (*áskesis*), que funciona como o método indispensável para a formação dessa tipologia superior. O problema, portanto, é compreender como o ascetismo, enquanto exercício espiritual que visa a elevação e acúmulo de vontade de poder se apropria de uma prática historicamente associada à negação para forjar uma nova arte de viver radicalmente livre.

Para desenvolver essa argumentação, a fundamentação teórica deste trabalho se apoia, primeiramente, em uma leitura ruminada das obras de Nietzsche, com destaque para o período intermediário, que denominamos de a "trilogia do espírito livre" – *Humano, Demasiado Humano, Aurora e A Gaia Ciência* – e para os escritos tardios, como *Para Além de Bem e do Mal* e *Para a Genealogia da Moral*. Com efeito, nossa proposta é enriquecida pelo diálogo com a literatura secundária, em especial com os estudos de Pierre Hadot sobre a filosofia antiga como modo de vida e os exercícios espirituais. A distinção proposta por Hadot entre a *áskesis* grega (exercício, treinamento de si) e a ascese cristã (renúncia, mortificação) é fundamental para a nossa análise, pois nos permite compreender o ascetismo

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia na Universidade Federal de Pelotas – PPGFil. Email: [danpinda@gmail.com](mailto:danpinda@gmail.com)

<sup>2</sup> Prof. Dr. do PPGFil da Universidade Federal de Pelotas – PPGFil. Email: [clademir.araldi@gmail.com](mailto:clademir.araldi@gmail.com)

nietzschiano não como negação, mas como uma "ginástica da vontade" que nos eleva a uma condição superior a que se encontrávamos anteriormente. Ademais, investigaremos a genealogia dessas práticas ascéticas, analisando suas manifestações na antiguidade greco-romana (epicurismo, estoicismo, cinismo) e em movimentos radicais do medievo, como o dos Espirituais Franciscanos e a Heresia do Livre Espírito, buscando traçar a linhagem histórica da qual Nietzsche se apropria de forma crítica e original.

Diante do exposto, os objetivos deste trabalho são claros. O objetivo geral é demonstrar como o ascetismo, reinterpretado como uma áskesis afirmativa, constitui o método de formação por excelência para a figura do espírito livre na filosofia de Nietzsche. Para alcançar tal meta, traçamos os seguintes objetivos específicos: primeiramente, mapear o desenvolvimento conceitual do espírito livre, desde suas primeiras formulações (*Freigeist*), marcadas pela ruptura com Wagner e Schopenhauer, até suas configurações mais tardias, combativas e aprofundadas (*Der freie Geist*); em segundo lugar, realizar uma genealogia das práticas ascéticas, distinguindo áskesis de ascese, para compreender o campo histórico que Nietzsche ressignifica; em terceiro, analisar como as primeiras formulações do espírito livre se alinham a uma áskesis com traços epicuristas, enquanto as últimas incorporam uma disciplina estoico-cínica, transfigurada na virtude da "honestidade"; por fim, concluir que o espírito livre, através deste método, encarna a figura do "leão" das três metamorfoses, cuja tarefa não é a criação de novos valores – prerrogativa da "criança" –, mas a conquista da liberdade para a criação, revelando o ascetismo não como negação, mas como a condição de possibilidade para novas formas de vida.

## 2. METODOLOGIA

A realização deste trabalho fundamentou-se em uma metodologia de pesquisa histórica e revisão bibliográfica, entendida como “um estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral” (MORESI, 2003, p. 10). Adotamos este método por compreendermos que a análise da filosofia do espírito livre exige, inevitavelmente, o confronto com o denso arcabouço filosófico já estabelecido, bebendo na fonte, isto é, utilizando as obras do próprio filósofo e de seus comentadores para a discussão qualitativa. Contudo, a abordagem dos textos nietzschianos demandou um cuidado particular. Por não se tratar de uma filosofia sistemática, marcada pela originalidade e pelo caráter aforismático, incita a uma leitura que tenha coragem para o *nitimur in vetitum* (lançar-se ao proibido) e uma predileção pelo labirinto. Em resposta a essa complexidade, e em oposição ao ritmo apressado do leitor moderno, a leitura foi pautada pela metodologia filológica reivindicada pelo próprio Nietzsche, que “ensina a ler bem, ou seja, lenta profundamente, olhando para trás e para diante, com segundas intenções, com as portas abertas, com dedos e olhos delicados” (NIETZSCHE, 2011, Prefácio, §5), buscando-se, assim, penetrar nas múltiplas camadas de seu pensamento. Para estruturar a investigação e “recuperar etapas do processo de elaboração de suas ideias” (MARTON, 1990, p.27), recorreremos à divisão periódica da obra nietzschiana, que distingue três fases: o pessimismo romântico, o positivismo cético (período central para a emergência do espírito livre) e a fase da transvaloração dos valores. Essa periodização permitiu-nos rastrear a evolução, as tensões e as rupturas na filosofia do espírito livre. As fontes principais

de análise foram as obras publicadas e os fragmentos póstumos de Nietzsche ("beber na fonte"), e o diálogo crítico foi estabelecido com comentadores de referência na área, notadamente os trabalhos de Hadot, Lerner, Cohn, Ansell-Pearson, Paolo D'Iorio, Scarlet Marton e Clademir Araldi, que embasam à análise proposta neste artigo.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho, derivado da tese de doutoramento alcançou resultados consideráveis através da análise do objeto de estudo, contribuindo de forma decisiva para discussão do método de formação do espírito livre no pensamento nietzschiano. A pesquisa realizou, primeiramente, um mapeamento completo da evolução da tipologia do espírito livre, demonstrando seu percurso desde as formulações iniciais (*Freigeist*), caracterizadas por uma postura de livramento crítico e alinhadas a uma *áskesis* com traços epicuristas, até suas configurações tardias, mais profundas e sublimes (*Der freie Geist*). O desenvolvimento da análise evidenciou que essa trajetória não representa apenas uma mudança de concepção, mas a busca por uma nova **arte filosófica do viver**, uma prática existencial que se afasta da teoria abstrata. Nesse sentido, demonstrou-se que a formulação tardia do espírito livre incorpora uma disciplina ascética com fortes elementos estoicos e, fundamentalmente, cínicos, onde a virtude da "honestidade" emerge como uma forma de *parrhesia* (o franco falar). O resultado central encontrado reside na comprovação da hipótese de que o ascetismo, ressignificado como uma prática afirmativa de fortalecimento, funciona como o método indispensável para a formação dessa figura e para a efetivação dessa arte de viver. A análise demonstrou que, longe de ser um ideal de negação, a *áskesis* nietzschiana é uma "ginástica da vontade", um conjunto de exercícios espirituais que capacita o indivíduo a suportar a solidão do conhecimento e a ausência de verdades absolutas derivadas da constatação da morte divina, transformando a própria vida em seu principal objeto de experimentação. O estado atual do trabalho conclui que o espírito livre, forjado por este método, não representa a figura criadora final (a "criança" de Zaratustra), mas sim a etapa necessária para a criação, isto é, a figura do "leão": sua tarefa não é a de instituir novos valores, mas a de conquistar a liberdade *para* a criação. É precisamente ao praticar essa arte filosófica do viver, ao esculpir a si mesmo, que ele revela o ascetismo como a condição de possibilidade para que novas formas de existência possam emergir.

### 4. CONCLUSÕES

A principal contribuição obtida com este trabalho reside na ressignificação do ascetismo no pensamento de Nietzsche, deslocando-o da posição de mero objeto de crítica para estabelecê-lo como o método prático e indispensável para a constituição de uma nova **arte filosófica do viver**. Enquanto a exegese tradicionalmente se concentra na demolição nietzschiana do "ideal ascético" como sintoma de uma vida negadora, esta pesquisa inova ao demonstrar como Nietzsche se apropria da tradição da *áskesis* greco-romana, transfigurando-a numa "ginástica da vontade" afirmativa, destinada ao fortalecimento e à elevação espiritual. A originalidade desta abordagem consiste em revelar a dimensão eminentemente prática e formativa da filosofia do espírito livre. Nossa perspectiva não está apenas aconrada na identificação da importância da "arte de viver", mas em expor a sua

metodologia concreta: a *áskesis* como um conjunto de exercícios espirituais que possibilita a superação da moral de rebanho e a conquista da liberdade espiritual. Com efeito, a contribuição inovadora do trabalho é a de apresentar o ascetismo como o elo entre a crítica nietzschiana e seu projeto criador, posicionando-o como método que fundamenta e torna efetiva a **arte filosófica do viver**, oferecendo uma nova chave de leitura para compreender como a liberdade, em Nietzsche, não é um estado dado, mas uma conquista esculpida na luta e conflito contra todas as convicções.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARALDI, Clademir Luís. **ASCETISMO, ARTE E FORMA DE VIDA NO PENSAMENTO DO NIETZSCHE TARDIO**. Dissertatio, n. 55, p. 45-63, 2022. \_\_\_\_\_ . **Nietzsche, Foucault e a arte de viver**. Dissertatio, Pelotas, 2020.
- ANSELL-PEARSON, Keith. **True to the Earth: Nietzsche's Epicurean Care of Self and World**. In: HUTTER, Horst (Ed.). *Nietzsche's Therapeutic Teaching: For Individuals and Culture*. London: Bloomsbury Academic, 2013, p. 97-116.
- BAMFORD, Rebecca (ed.). **Nietzsche's free spirit philosophy**. Londres: Rowman & Littlefield International, 2015.
- COHN, Norman. **Na senda do milênio: milenaristas revolucionários e anarquistas místicos da Idade Média**. Lisboa: Editorial Presença, 1981.
- D'IORIO, Paolo. **Nietzsche na Itália: a viagem que mudou os rumos da filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- FALBEL, Nachman. **Os Espirituais Franciscanos**. São Paulo: Editora GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo.
- Labirintos da Alma: Nietzsche e a Auto-supressão da Moral**. São Paulo; Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.
- HADOT, Pierre. **Exercícios espirituais e filosofia antiga**. São Paulo: É Realizações, 2014.
- LERNER, Robert E. **The Heresy of the Free Spirit in the later Middle Ages**. University of California Press, EUA, 2007.
- MARTON, Scarlett. **Nietzsche: das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- NETO, João Evangelista Tude de Melo. **Verbete "ascetismo"**. In: MARTON, Scarlett (ed.). **DICIONÁRIO NIETZSCHE**. São Paulo: Edições Loyola, 2016.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.
- \_\_\_\_\_. **A gaia ciência**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Aurora**. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Genealogia da Moral**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009a.
- \_\_\_\_\_. **Humano demasiado humano**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009b.
- \_\_\_\_\_. **Assim Falou Zaratustra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- URE, Michael. **Nietzsche's therapy: self-cultivation in the middle works**. Lanham: Lexington Books, 2008.